

# Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

## Coro

Casa da Música

# Coro Ricercare

**Stefan Blunier** direcção musical

**Sarah Wegener** soprano

**Catriona Morison** meio-soprano

**Nikolai Schukoff** tenor

**29 Out 2022 · 18:00 Sala Suggia**

ANO DO AMOR



casa da música



Leia o código QR e veja a entrevista com o maestro Stefan Blunier sobre o programa do concerto.

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

## **Richard Wagner**

*Prelúdio e Morte de Isolda* (1857-60; c.17min)

## **Richard Strauss**

*Don Juan*, poema sinfónico op. 20 (1888-89; c.17min)

2ª PARTE

## **Gustav Mahler**

*Das klagende Lied*, para soprano, contralto, tenor, coro misto e grande orquestra

(1878-80; c.40min)\*

1. [Der Spielmann]
2. [Hochzeitsstück]

\*Textos originais e traduções nas páginas 6 e 8.

# Richard Wagner

LEIPZIG, 22 DE MAIO DE 1813

VENEZA, 13 DE FEVEREIRO DE 1883

## *Prelúdio e Morte de Isolda*

No teatro, cortina fechada e ouvidos abertos. Do silêncio atento brota, lenta e suave, uma lânguida melodia de violoncelos, logo interrompida por um acorde enigmático de sopros. Um oboé ascende em passos cromáticos estreitos, detendo-se num outro acorde inconclusivo. Em resposta, um silêncio ainda mais carregado de expectativa. O ciclo recomeça uma e outra vez, a ansiada resolução parecendo nunca chegar: são mais e mais caminhos de adensação e de incerteza num tecido musical que acumula tensão e frustra persistentemente as expectativas de repouso. Não há personagens ou cenário ainda, apenas o drama contido na própria música.

Eis o celebérrimo início da ópera *Tristão e Isolda* de Richard Wagner, escrita em 1857-59. O assunto do libreto, escrito por Wagner a partir de um romance do século XIII de Gottfried von Strassburg, é denunciado pela emocionalidade inquieta da narrativa musical: trata-se do intenso desejo amoroso entre os dois protagonistas que permanece inconsumado e que só encontrará sublimação na morte. As linhas gerais deste argumento revelam o fascínio de Wagner pelas ideias de Schopenhauer de libertação do ciclo de sofrimento pela negação da vontade.

A ideia de *Tristão e Isolda* germinou por algum tempo na mente do compositor, convocando-lhe vivências pessoais, como revela uma das cartas que enviou a Liszt em 1854: “como nunca senti na vida a verdadeira felicidade do amor, devo erigir um monumento ao mais belo de todos os meus sonhos, no qual, do início ao fim, esse amor será perfeitamente

saciado. Tenho na minha cabeça *Tristão e Isolda*, a concepção musical mais simples mas mais forte”. Wagner interrompeu o trabalho de escrita de *Siegfried* (terceira parte da tetralogia *O Anel do Nibelungo*) para começar a escrever *Tristão e Isolda*, num momento em que nutria também ele uma intensa paixão proibida, por Mathilde Wesendonck (casada com um amigo da família), que não sabemos se chegou a ser consumada.

A música que Wagner concebeu não se rege pela habitual divisão em recitativos e árias, oferecendo ao invés um tecido contínuo assegurado pela orquestra. A coesão é garantida pelo emprego sistemático de *leitmotive*: “motivos-guia”, símbolos musicais de personagens, objectos, eventos ou conceitos específicos. É o caso da melodia de violoncelos que abre a peça, que constitui o “olhar”, seguindo-se-lhe o acorde a que hoje todos chamamos “acorde de Tristão” (relevado pela ambiguidade de condução harmónica que propicia); a melodia cromática de oboé descrita no início deste texto representa, por exemplo, o motivo do “desejo”.

Ainda em 1859 e sem estreia marcada para a obra, o Prelúdio do I acto foi tocado em Praga sob direcção de Hans von Bülow, que lhe acrescentou um final de sua própria autoria. Mas é em 1860 que Wagner decide conferir-lhe o final mais apropriado: uma versão instrumental do último momento da ópera, em que Isolda observa o corpo morto de Tristão em estado de profundo alheamento e êxtase, até também ela sucumbir, numa expressão de paz. É esta combinação dos trechos inicial e final da ópera em versão instrumental que hoje conhecemos como *Prelúdio e Morte de Isolda*, embora Wagner lhes tenha dado inicialmente os títulos “Morte de Amor” e “Transfiguração”. Após o primeiro ensaio, Wagner escrevia a Mathilde: “foi como se as escalas tivessem

caído dos meus olhos, permitindo-me ver quão imensuravelmente viajei do mundo nos últimos oito anos. Este breve prelúdio era tão incompreensivelmente *novo* para os músicos que eu tive de guiar as pessoas ao longo da peça nota a nota, como se fosse descobrir pedras preciosas numa mina”.

Este díptico sinfónico ouviu-se pela primeira vez em 1862, três anos antes da estreia da ópera.

## Richard Strauss

MUNIQUE, 11 DE JUNHO DE 1864

GARMISCH, 8 DE SETEMBRO DE 1949

### *Don Juan*, op. 24

O jovem Richard Strauss escrevia em 1892 a Cosima Wagner, viúva de Richard: “Hoje dirigi o meu primeiro *Tristão*. Foi o dia mais maravilhoso da minha vida”. Em Wagner, cativavam-no especialmente os aspectos mais visionários da forma, em permanente desabrochar e capaz de dispensar o acto de considerar um evento anterior como forma incontornável de legitimação de uma arquitectura formal. Os seus famosos poemas sinfónicos fazem uso desta ideia e em especial da técnica wagneriana do *leitmotiv*, prosseguindo a tradição alemã de que Strauss será o grande representante após a morte de Wagner.

*Don Juan*, escrito em 1888-89, data da primeira fase da carreira do compositor, sendo o primeiro dos muitos poemas sinfónicos que escreveu a permanecer assiduamente no repertório.

A sobejamente recontada história de Don Juan tem origens em Espanha, no século XVII, e trata da mesma personagem que protagoniza o *Don Giovanni* de Mozart (escrito cerca

de um século antes do poema sinfónico de Strauss). Don Juan é um belo e sedutor mulhengo que conta muitas conquistas amorosas. Tendo seduzido a filha de um comendador, tem com este um duelo e acaba por matá-lo. Certo dia, passando pela estátua do comendador, faz troça, convidando-a para um jantar. O desfecho é trágico: a estátua comparece realmente e dita o fim de Don Juan, condenado à danação eterna.

O ponto de partida para Strauss foi a leitura do *Don Juan* do poeta austríaco Nikolaus Lenau, escrito em 1844. Não se trata, neste caso, de uma mera narração das aventuras românticas do sedutor, mas de uma reflexão filosófica sobre a própria busca do amor, a que o poeta dá um ângulo muito particular. Na versão de Lenau, Don Juan deseja incessantemente encontrar uma mulher ideal mas, não a encontrando, passa de mulher em mulher até ser tomado pelo Desgosto — o Diabo que enfim o captura.

O compositor incluiu na partitura três fragmentos do poema de Lenau em jeito de epígrafe. Cada um dos excertos corresponde a uma das três principais ideias que procurou transportar para a música: o Desejo, a Posse e o Desespero. De entre os elementos essenciais que definem o discurso musical destaca-se desde logo a irrupção orquestral inicial, com as subidas das cordas fabulosamente sugestivas do ímpeto de conquista. O solo de violino que aparece mais tarde, em grande contraste, retrata a ingenuidade da camponesa Zerlina; e o momento do clarinete solista sugere o início da aproximação entre ambos. As cordas juntam-se e progressivamente são amplificadas pelo restante efectivo orquestral, sugerindo a paixão e o prazer com algumas enunciações melódicas elípticas que facilmente trazem à mente instantes de natureza idêntica do prelúdio do *Tristão*

de Wagner. Mais tarde, o oboé acompanhado por cordas em registo grave surge com o retrato musical de Dona Ana (a filha do comendador), passando a melodia brevemente por outros instrumentos dos sopros. Pouco mais tarde, as trompas entoam a plenos pulmões o tema que representa a posse triunfante. A agitação volta em seguida, numa espécie de desenvolvimento tipicamente sinfónico. É claro um mau presságio com momentos de orquestração genialmente sombria. Após uma reexposição dos materiais principais, novamente enérgica, uma pausa marca o ponto de viragem fatal, após o qual ouvimos o som lúgubre que traz o fim do sedutor.

As sugestivas explorações de cor orquestral e evocações extramusicais claras da partitura, ainda que lamentadas por críticos mais atreitos às formas tradicionais, fizeram do *Don Juan* de Strauss um sucesso entre músicos e público desde a estreia, dirigida pelo compositor ainda em 1889.

---

## Gustav Mahler

KALISTE, 7 DE JULHO DE 1860

VIENA, 18 DE MAIO DE 1911

### *Das klagende Lied*

(2.<sup>a</sup> versão)

Gustav Mahler, nascido no mesmo ano em que o seu ídolo compilou o *Prelúdio e Morte de Isolda* em versão orquestral, tira partido do legado wagneriano e do potencial dramático da música de maneiras muito particulares, evidentes desde logo na primeira das suas obras a receber um número de opus: *Das klagende Lied* (Canção de Lamentação).

Apesar do que o título parece sugerir, não se trata de uma canção orquestral, tampouco

de uma sinfonia, sendo esta obra na verdade a única composição de envergadura do catálogo de Mahler a não se enquadrar em nenhum desses dois géneros que nortearam toda a sua produção. De uma espantosa precocidade, esta cantata megalómana para uma ampla orquestra, cantores solistas e coro — sem esquecer um grupo instrumental tocado fora do palco — foi escrita na última fase do percurso de Mahler como estudante no Conservatório de Viena, em 1878-1880 (“17 anos e meio!”, escreveria mais tarde com orgulho numa cópia da partitura).

O texto é do próprio Mahler, inspirado numa lenda folclórica típica do Romantismo alemão e da sua predilecção pelo fantástico. Há várias fontes possíveis, desde o conto homónimo de Ludwig Bechstein ao conto *O Osso Cantante* dos irmãos Grimm, sendo ainda plausível que Mahler tenha visto uma versão dramatizada da história (de Martin Greif) apresentada no Conservatório de Viena em 1876.

A versão original da obra apresentava uma disposição em três partes:

**I. “Waldmärchen”** (Lenda da Floresta) — uma jovem e bela rainha prometia casar com o pretendente que tivesse coragem de vaguear pela escura floresta em busca de uma flor vermelha muito especial. O desafio é aceite por dois irmãos: um de carácter malévolo, outro de natureza bondosa. Este último acaba por encontrar a flor e decide descansar debaixo de um salgueiro. O irmão assassina-o durante o sono e deixa o corpo abandonado, coberto de folhas e flores.

**II. “Der Spielmann”** (O Menestrel) — Um menestrel encontra na floresta um osso que irradia um feixe de luz brilhante, como que à espera de ser descoberto entre folhas caídas. Decide fazer uma flauta com o osso

e começa a tocá-la. Os sons que saem da flauta transformam-se na voz do irmão morto, que recita a história do fratricídio.

**III. “Hochzeitstück”** (Peça para o Casamento) — No castelo real decorre o casamento da rainha com o irmão que usurpara a flor. Os convidados desconhecem a história, mas o menestrel irrompe pelo castelo e, através da flauta de osso, revela o que se passou. O irmão culpado tenta encobrir-se arrancando o osso da mão do menestrel e tocando-o, mas o que se ouve é a acusação do irmão morto. A rainha desmaia, todos fogem num ápice e o castelo desaba por completo.

É importante notar, neste contexto, um trauma que Mahler vivenciou aos 14 anos: a morte de Ernst, seu irmão mais novo. O enorme complexo de culpa com que ficou explicará por certo a sua identificação com esta história, mas mais ainda, em especial, a decisão drástica que tomaria ao rever a partitura anos depois: a versão publicada de *Das klagende Lied* (1899, estreada em 1901) omitia totalmente a primeira parte, na qual decorria o fratricídio. O manuscrito dela foi entretanto descoberto na biblioteca da Universidade de Yale, em 1969, e “Waldmärchen” foi enfim gravada a par das partes II e III revistas, sob direcção de Pierre Boulez. A totalidade da versão original, com orquestração um pouco mais densa que a revista (em especial na Parte I), seria ouvida pela primeira vez apenas em 1987, em Manchester, sob direcção de Kent Nagano (ocasião registada em gravação discográfica).

Na composição abundam *leitmotive* originados na parte I, mas alguns são facilmente identificáveis: um tema lento nas trompas, perto do início, simbolizando o irmão bondoso;

o “Dies irae” (melodia de cantochão que evoca tradicionalmente o Juízo Final), que surge como coral de metais anunciando a justiça que virá; a melodia despreocupada que se lhe segue, símbolo do menestrel, que será acompanhada de “cantos de pássaro” nas flautas; a 2.<sup>a</sup> menor descendente que enfatiza a tragédia; a escala descendente (tocada ou cantada pelo coro) como símbolo do desfecho trágico da história; entre muitos outros.

A exposição do enredo é confiada aos cantores solistas e cabe ao coro o papel de comentador, facilitando a transição entre narrativa e comentário instrumental. Traços que conhecemos da maturidade de Mahler surgem já em pleno nesta peça, como por exemplo: a banda de sopros fora do palco (ouvida ao longe) que surge em várias sinfonias, como integração de uma expressão directa e popular (espécie de paraíso perdido) com uma expressão mais sofisticada; as febris oscilações de sensibilidade; a imaginação exuberante da orquestração e sua atenção ao timbre. Por outro lado, há motivos específicos que serão reutilizados em obras posteriores, com especial notoriedade para o *tremolo* inicial que abrirá de forma semelhante a 2.<sup>a</sup> Sinfonia, assim como para o motivo de “O Leide”, que nessa mesma obra marca a erupção do Finale.

Pierre Boulez diz-nos a propósito de *Das klagende Lied*, e da obra de Mahler como um todo, que “o grande romance está já esboçado e encontraremos um novo capítulo em cada nova obra. Há realmente artistas cuja inspiração brota de uma única fonte e se desenvolve de acordo com um conjunto de ideias imutáveis. Mahler parece-me ser um desses”. E como!

PEDRO ALMEIDA, 2022

## G. Mahler: *Das klagende Lied*

### 1. Der Spielmann

*Beim Weidenbaum, im kühlen Tann,  
Da flattern die Dohlen und Raben,  
Da liegt ein blonder Rittersmann  
Unter Blättern und Blüten begraben.  
Dort ist's so lind und voll von Duft,  
Als ging ein Weinen durch die Luft!  
O Leide, weh! O Leide!*

*Ein Spielmann zog einst des Weges daher,  
Da sah er ein Knöchlein blitzen;  
Er hob es auf, als wär's ein Rohr,  
Wollt' sich eine Flöte draus schnitzen.  
O Spielmann, lieber Spielmann mein,  
Das wird ein seltsam Spielen sein!  
O Leide, weh! O Leide!*

*Der Spielmann setzt die Flöte an  
Und läßt sie laut erklingen:  
O Wunder, was nun da begann,  
Welch seltsam traurig Singen!  
Es klingt so traurig und doch so schön,  
Wer's hört, der möcht' vor Leid vergehn!  
O Leide, Leide!*

*"Ach, Spielmann, lieber Spielmann mein!  
Das muß ich dir nun klagen:  
Um ein schönfarbig Blümelein  
Hat mich mein Bruder erschlagen!  
Im Walde bleicht mein junger Leib,  
Mein Bruder freit ein wonnig Weib!"  
O Leide, Leide, weh!*

*Der Spielmann ziehet in die Weit',  
Läßt' überall erklingen,  
Ach weh, ach weh, ihr lieben Leut',  
Was soll denn euch mein Singen?  
Hinauf muß ich zu des Königs Saal,  
Hinauf zu des Königs holdem Gemahl!  
O Leide, weh, o Leide!*

## Canção de Lamentação

### O Menestrel

Junto ao salgueiro, no pinheiral fresco,  
Onde esvoaçam as gralhas e os corvos,  
Lá repousa um cavaleiro loiro,  
Enterrado sob folhas e flores.  
É um lugar tão tranquilo e perfumado,  
Como se um choro trespassasse o ar!  
Oh, dor, ai! Oh, dor!

Passara por ali em tempos um menestrel,  
E vira um pequeno osso a brilhar;  
Pegara nele como se fosse uma cana,  
Queria esculpir uma flauta a partir dele.  
Ó menestrel, meu querido menestrel,  
Esta será uma insólita música!  
Oh, dor, ai! Oh, dor!

O menestrel empunha a flauta  
E deixa-a tocar bem alto:  
Oh, maravilha, o que então começou,  
Que curioso e triste canto!  
Soa tão triste e no entanto tão bonito,  
Quem o ouvir, sentir-se-á a morrer de dor!  
Oh, dor, que dor!

"Ah, menestrel, meu querido menestrel!  
Tenho de me lamentar a si agora:  
Por uma colorida florzinha  
Meu irmão me matou!  
Meu corpo jovem empalidece na floresta,  
Meu irmão casa-se com uma deliciosa mulher!"  
Oh, dor, que dor!, ai!

O menestrel vai seguindo para longe,  
Ouve-se a sua música em todo o lado,  
Ai de mim, ai de mim, boa gente!  
O que farão da minha canção?  
Até à sala do rei tenho de ir,  
Até à bela esposa do rei!  
Oh, dor, ai! Oh, dor!



## 2. Hochzeitsstück

*Vom hohen Felsen erglänzt das Schloß,  
Die Zinken erschalln und DRomtten,  
Dort sitzt der mutigen Ritter Troß,  
Die Frauen mit goldenen Ketten.  
Was will wohl der jubelnde, fröhliche Schall?  
Was leuchtet und glänzt im Königssaal?  
O Freude, heiah! Freude!  
Und weißt du's nicht, warum die Freud'?*

*Heil! Daß ich dir's sagen kann!  
Die Königin hält Hochzeit heut'  
Mit dem jungen Rittersmann!  
Seht hin, die stolze Königin!  
Heut' bricht er doch, ihr stolzer Sinn!  
O Freude, heiah! Freude!*

*Was ist der König so stumm und bleich?  
Hört nicht des Jubels Töne!  
Sieht nicht die Gäste stolz und reich,  
Sieht nicht der Königin holde Schöne!*

*Was ist der König so bleich und stumm?  
Was geht ihm wohl im Kopf herum?  
Ein Spielmann tritt zur Türe herein!  
Was mag's wohl mit dem Spielmann sein?  
O Leide, weh! O Leide!*

*“Ach Spielmann, lieber Spielmann mein,  
Das muß ich dir nun klagen:  
Um ein schönfarbig Blümelein  
Hat mich mein Bruder erschlagen!  
Im Walde bleicht mein junger Leib,  
Mein Bruder freit ein wonnig Weib!”  
O Leide, Leide, weh!*

*Auf springt der König von seinem Thron  
Und blickt auf die Hochzeitsrund'.  
Und er nimmt die Flöte in frevelndem Hohn  
Und setzt sie selbst an den Mund!  
O Schrecken, was nun da erklang!  
Hört ihr die Märe, todesbang?*

## Peça para o Casamento

Do alto da rocha o castelo brilha,  
As cornetas e as trombetas ecoam,  
Lá em baixo a corajosa tropa do cavaleiro Troß,  
As mulheres com colares de ouro.  
O que significará o som jubiloso e alegre?  
O que brilha e reluz na sala do rei?  
Oh, alegria, heiah! Alegria!  
E não sabes o motivo de tal alegria?

Ei! Isso eu posso dizer-te!  
A rainha vai casar hoje  
Com o jovem cavaleiro!  
Vejam a orgulhosa rainha!  
Hoje irá quebrar o seu espírito orgulhoso!  
Oh, alegria, ei! Alegria!

Porque está o rei tão mudo e pálido?  
Não ouve os sons de regozijo?  
Não vê os convidados orgulhosos e ricos,  
Não vê a adorável beleza da rainha?

Porque está o rei tão mudo e pálido?  
O que estará a passar-lhe pela cabeça?  
Um menestrel entra pela porta!  
O que poderá o menestrel querer?  
Oh, dor, ai! Oh, dor!

“Ah, menestrel, meu querido menestrel!  
Tenho de me lamentar a si agora:  
Por uma colorida florzinha  
Meu irmão me matou!  
Meu corpo jovem empalidece na floresta,  
Meu irmão casa-se com uma deliciosa mulher!”  
Oh, dor, que dor!, ai!

O rei salta do seu trono  
E olha para os convidados do casamento.  
E ele pega a flauta com desprezo perverso  
E coloca-a na sua própria boca!  
Oh horror, o que agora soou!  
Ouvem a história, o medo de morte?

*“Ach Bruder, lieber Bruder mein,  
Du hast mich ja erschlagen!  
Nun bläst du auf meinem Totenbein,  
Des muß ich ewig klagen!  
Was hast du mein junges Leben  
Dem Tode hingegeben?”  
O Leide, weh! O Leide!*

*Am Boden liegt die Königin,  
Die Pauken verstummen und Zinken.  
Mit Schrecken die Ritter und Frauen fliehn,  
Die alten Mauern sinken!  
Die Lichter verloschen im Königssaal!  
Was ist wohl mit dem Hochzeitsmahl?  
Ach Leide!*

*“Oh irmão, meu querido irmão,  
Mas foste tu que me mataste!  
Agora sopras sobre o meu esqueleto,  
Disso para sempre me queixarei!  
Porque condenaste a minha jovem vida  
À morte?”  
Oh, dor, ai! Oh, dor!*

*A rainha cai no chão,  
Os tambores e cornetas ficam em silêncio.  
Horrorizados fogem cavaleiros e mulheres,  
Os velhos muros afundam-se!  
Apagaram-se as luzes no salão do Rei!  
E a festa de casamento?  
Oh, desventura!*

## Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Para além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2022/23 leva-o a dirigir a Orquestra Nacional de Lille e a Filarmónica de Copenhaga. Na temporada passada, foi convidado para os pódios da Orquestra da Suíça Romanda, da Sinfónica de Berna, da Orquestra Estatal de Darmstadt, da Sinfónica da Ópera de Toulon e da Sinfónica de Singapura. Em Junho de 2022 regressou à Ópera Alemã do Reno com *Macbeth* de Verdi.

Depois da nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi recentemente bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou recentemente com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi director geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente

apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e director musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como director geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

## Sarah Wegener soprano

Sarah Wegener tem uma colocação de voz perfeita: uma amplitude tonal completa, um timbre soberbo que se mantém suave mesmo em volume alto, e um *legato* perfeito. Aborda todos os papéis com uma intensidade cativante e tem fascinado auditórios com a riqueza e o calor da sua voz. Interpretou canções de Strauss em Munique, Londres e Hamburgo, sob a direcção de M. Jansons e V. Jurowski; a 8.ª Sinfonia de Mahler dirigida por K. Petrenko em Bregenz, E. Inbal em Hamburgo e K. Nagano em Montréal; e o programa “War and Peace”, em torno de obras de Händel e Purcell, que também apresentou no Festival SWR de Schwetzingen. Distingue-se igualmente como intérprete de *lied*, com discos aclamados pela crítica como *Into the Deepest Sea* e *Zueignung*.

Concertos e recitais levaram-na aos mais importantes festivais e salas de concertos da Europa e do Japão. Cantou papéis principais na Royal Opera House de Londres, na Ópera Alemã de Berlim, no Festival de Viena, no Teatro de Bona, no Teatro Estatal de Saarbrücken e no Festival Tongyeong (Coreia do Sul).

Altamente conceituada na interpretação de repertório clássico, romântico e contemporâneo, Sarah Wegener cantou recentemente *Das Paradies und die Peri* de Schumann (Jérémie Rhorer, Le Cercle de l'Harmonie), *Stabat Mater* de Dvořák (Philippe Herreweghe, Orquestra dos Campos Elísios, Collegium Vocale Gent), *Floß der Medusa* de Henze (Sinfónica da Rádio de Viena, Cornelius Meister), *Paixão segundo São Lucas* de Penderecki (Sinfónica de Montréal, Kent Nagano), *Missa solemnis* de Beethoven (Filarmónica Real de Liverpool, Andrew Manze) e as *Seis Canções* de Schoenberg (Saarbrücken). Estreou várias obras de Georg Friedrich Haas, incluindo a ópera *Bluthaus*, que lhe valeu

o prémio Cantora do Ano em 2011 pela revista Opernwelt. Em 2021, interpretou pela primeira vez o papel de Freia em *O Ouro do Reno* de Wagner, em Colónia e Amesterdão.

A temporada 2022/23 começa com Sarah Wegener enquanto Condessa em *As Bodas de Fígaro* de Mozart, na Konzerthaus de Blaibach. No Outono, canta as *Quatro Últimas Canções* de Strauss com a Sinfónica de Hamburgo, sob a direcção de Jacek Kaspszyk, e com a Sinfónica da Rádio da Bavária e o maestro Zubin Mehta. Interpreta a Sinfonia n.º 8 de Mahler com a Royal Philharmonic Orchestra e Vasily Petrenko, no Royal Albert Hall de Londres. Agendadas estão ainda as interpretações de *Das klagende Lied* de Mahler (Porto); Sinfonia “Kaddish” de Bernstein (Sinfónica da MDR e Dennis Russel Davies, na Gewandhaus de Leipzig, na Elbphilharmonie e na Philharmonie de Berlim); obras de Berg e Holliger (Filarmónica Eslovena); e canções de Alma Mahler (Orquestra Estatal Brandemburguesa). Em Junho de 2023, canta *Arche* de Widmann, sob a direcção de Kent Nagano, na Elbphilharmonie.

A discografia de Sarah Wegener inclui *Trakl-lieder* de Boesmans, *Die stumme Serenade* de Korngold, *Missa em Dó menor* de Mozart e *Petite Messe Solennelle* de Rossini, e ainda obras de Kurtág, Carter e Holliger. Nos OPUS Klassik 2019, foi nomeada Cantora do Ano com a obra *Labyrinth III* de Jörg Widmann. O seu segundo CD de *lied* com Götz Payer, focado em Richard Strauss, está de novo nas nomeações dos OPUS Klassik 2022. A gravação de canções arranjadas por B. A. Zimmermann com a Sinfónica da WDR está prestes a ser editada pela WERGO.

Depois de ter tocado contrabaixo, a soprano anglo-alemã estudou canto com Jaeger-Böhm em Estugarda e frequentou masterclasses com Gwyneth Jones e Renée Morloc.

## Catriona Morison meio-soprano

Catriona Morison, meio-soprano escocesa a viver em Berlim, tornou-se mais conhecida do público em 2017, quando arrecadou o Prémio Principal do conceituado BBC Cardiff Singer of the World, tendo ainda partilhado o Prémio Canção. Na altura, era membro do ensemble da Ópera de Wuppertal, onde esteve por duas temporadas (2016-2018). Esse trabalho permitiu-lhe adicionar ao seu repertório uma série de papéis interessantes, incluindo Nicklausse (*Os Contos de Hoffmann*), Charlotte (*Werther*), Hänsel (*Hänsel e Gretel*), Madalena (*Rigoletto*), Little Arab (*Juliette*), Princesa Clarice (*O Amor das Três Laranjas*) e Querubim (*As Bodas de Figaro*).

Convites para óperas levaram Morison ao Festival Internacional de Edimburgo, à Ópera de Colónia, à Ópera Nacional de Bergen, à Ópera Estatal de Hamburgo e ao Teatro Nacional de Weimar, entre outros. Em 2015, tinha feito a sua estreia no Festival de Salzburgo, dirigida por Franz Welser-Möst, enquanto membro do Projecto Jovens Cantores. No mesmo ano, participou no Salzburg Whitsun Festival.

Na temporada 2022/23, a artista alarga o seu repertório com dois importantes papéis: em Braunschweig pode ser ouvida como Fricca (*O Ouro do Reno*) e regressa à Ópera de Wuppertal na condição de Nerone (*A Coroação de Popeia*, de Monteverdi).

Catriona Morison tem um especial interesse por repertório de concerto. No Verão de 2019, estreou-se nos BBC Proms interpretando *Sea Pictures* de Elgar, com a Orquestra Nacional de Gales da BBC, dirigida por Elim Chan. Cantou ainda na estreia de *This Frame is Part of the Painting*, de Errollyn Wallen, também nos BBC Proms, uma obra escrita para si.

Continua a viajar por palcos internacionais em 2022/23: *Gurre-Lieder* de Schoenberg com a Orquestra Sinfónica Nacional da Dinamarca (direcção de Fabio Luisi), em Copenhaga; *Das klagende Lied* de Mahler com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música (Stefan Blunier); a estreia mundial da *Sinfonia de Praga* de Detlev Glanert com a Filarmónica Checa (Semjon Bychkov) e com a Orquestra Gewandhaus de Leipzig; o *Requiem* de Mozart com a Orquestra NDR da Elbphilharmonie e a Sinfónica de Pittsburgh (Manfred Honeck). Estará também em Colónia para cantar o *Stabat Mater* de Pergolesi com a Orquestra Gürzenich (Julien Chauvin).

O *lied* é um género de particular importância para Catriona Morison, como demonstra o seu mais recente CD, com obras de E. Grieg, J. Brahms, Josephine Lang e R. Schumann, em que é acompanhada pelo pianista Malcolm Martineau. Actuou no Wigmore Hall, no Festival Internacional de Edimburgo, nos Festivais de Lied de Leeds e Oxford, na Schubertiada Vilarbertran e no Heidelberger Frühling, em Madrid e em Barcelona. O seu recital de estreia na Ópera de Frankfurt, na Primavera de 2022, foi muito elogiado pela imprensa.

## Nikolai Schukoff tenor

O tenor austríaco Nikolai Schukoff regressa à Orquestra Metropolitana de Nova Iorque, no arranque da temporada 2022/23, para uma produção de *Lady Macbeth do distrito de Mtsensk*. Os seus compromissos actuais levam-no ao papel de Martin von Dirksen na reposição de *Oceane* de Detlev Glanert (Ópera Alemã de Berlim), à sua estreia enquanto Tristão numa nova produção de *Tristão e Isolda* (Teatro do Capitólio de Toulouse) e ao papel-título de *Parsifal* (Liceu de Barcelona). A Ópera Estatal de Berlim convidou-o para representar Herodes em *Salomé*, um papel em que se estreou na temporada passada, com grande sucesso, na Ópera Nacional Finlandesa de Helsínquia. Canta *Das klagende Lied* no Porto, sob a direcção de Stefan Blunier, e a 9.ª Sinfonia de Beethoven em Duisburg, com Eun Sun Kim.

Entre os papéis mais importantes das últimas temporadas destacam-se Bacchus (*Ariadne auf Naxos*) no Liceu de Barcelona; Tambourmajor (*Wozzeck*) em Toulouse; Siegmund (*A Valquíria*) na Ópera de Marselha; Herodes (*Salomé*) na Ópera Nacional Finlandesa de Helsínquia; Milo Dufresne (*Zaza* de Leoncavallo) e Agrippa/Mephisto (*Der feurige Engel*) no Theater an der Wien; a estreia no papel-título de *Otello* na Ópera de St. Etienne; *Oedipus Rex* em versão de concerto, em Madrid; a 9.ª Sinfonia de Beethoven com direcção de Simone Young, em Tóquio; *Parsifal* numa nova produção do Teatro do Capitólio de Toulouse; e Boris (*Katia Kabanova*) no Liceu de Barcelona. Foi o tenor principal na estreia mundial de *Oceane* de Glanert, na Ópera Alemã de Berlim, e Jim Mahoney em *Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny* de Weill, em Aix-en-Provence. Nota ainda para a participação na Sinfonia n.º 8 de Mahler, com direcção de Dmitri Kitajenko em

Zagreb e de Jukka-Pekka Saraste no Chorégies d' Orange; o papel-título em *Parsifal* na Ópera Nacional Finlandesa de Helsínquia; e presenças em concerto nos Festivais de Budapeste (*Tiefland* de Albert) e de Salzburgo (Tiresias em *Os Bassáridas* de Henze), dirigido por Krzysztof Warlikowski, e com a Filarmónica de Viena sob a batuta de Kent Nagano.

Nikolai Schukoff estudou no Mozarteum de Salzburgo. Em 2007, na Ópera Estatal de Munique, substituiu Plácido Domingo como Parsifal, o que lhe deu projecção internacional. Seguiu-se a interpretação deste papel em importantes teatros de ópera. Outros momentos relevantes da sua carreira inicial foram Siegmund (*A Valquíria*) com o maestro Zubin Mehta em 2013, em Valência, e a participação em *Carmen* na Ópera Metropolitana de Nova Iorque. Dos papéis de relevo, referência também para Erik em *O Holandês Voador* (Edimburgo, Munique, Hamburgo, Seattle, Madrid), Florestan em *Fidelio* (Lyon, Edimburgo, Praga), *Lohengrin* (Amesterdão, Mannheim, Saint-Étienne), Jim Mahoney em *Mahagonny* (Toulouse, Santiago, Buenos Aires), Max (Genebra, Hamburgo, Paris), *Oedipus Rex* (Lisboa e Paris), Eléazar em *La Juive* (Lyon), Pedro em *Tiefland* (Toulouse) e Siegmund em *A Valquíria* (Ópera de Leipzig).

Em concerto, Nikolai Schukoff tem cantado, entre outras obras: *Gurre-Lieder* (Musikverein de Viena/Zubin Mehta, Festival Enescu, Festival das Canárias), Sinfonia n.º 8 (Paris/Christoph Eschenbach e Daniele Gatti, Roma/Antonio Pappano, Valência/Yaron Traub, Frankfurt/Paavo Järvi, Hamburgo, Copenhaga, Praga) e *A Canção da Terra* (Opéra de Paris, Concertgebouw, Festival de Lucerna, Londres, Festival de Bregenz).

---

## **Raquel Couto** maestrina assistente

(Banda fora de palco)

Raquel Couto nasceu no Porto. Desde cedo, os seus estudos musicais no Curso de Música Silva Monteiro relacionaram-se com a área da música coral. Licenciou-se em Direcção Coral, com o maestro Paulo Lourenço, na Escola Superior de Música de Lisboa. Com o objectivo de aprofundar os seus conhecimentos na área da pedagogia coral infanto-juvenil, foi participando em cursos e formações com os maestros Stephen Coker, Eugene Rogers, Paul Caldwell e Brett Scott (EUA); Werner Pfaff (Alemanha); Paul McCreesh, Greg Beardsell e Rachel Joy Staunton (Inglaterra); Elisenda Carrasco, Esteve Nabona e Basilio Astulez Duque (Espanha); Patrícia Costa (Brasil) e Maria Guinand (Venezuela). Frequentou o curso “Write an Opera”, na Royal Opera House, em Londres.

Tem leccionado as disciplinas de coro infantil e juvenil em academias e conservatórios como a Fundação Musical dos Amigos das Crianças (Lisboa) e o Conservatório de Vila Real. Dirige o Coro Crescendo da Academia de Música de Espinho. Faz preparação vocal de vários grupos e escolas de teatro, entre os quais a escola profissional Balletteatro.

É maestrina titular do Coro Infantil Casa da Música e tem participado noutros projectos desenvolvidos nesta instituição — foi maestrina assistente na interpretação da Sinfonia n.º 4 de Charles Ives pela Orquestra Sinfónica e integra o grupo de formadores do Serviço Educativo.

É fundadora e directora artística do Coro Lira (Infantil, Juvenil e Adultos), formação que se tem apresentado em diversas salas de espectáculos no Porto e que estreou dez obras de compositores portugueses no espectáculo “Coisas Que Não Há Que Há” (Teatro São João), encenado por Catarina Lacerda.

---

## **Coro Ricercare**

**Pedro Teixeira** maestro titular

O Coro Ricercare é tudo o que a paixão pela música coral significa. O trabalho de expressão, fusão e qualidade vocal faz das suas actuações verdadeiros momentos marcantes. O grupo integra na sua formação jovens músicos de diversas proveniências curriculares: Escola de Música do Conservatório Nacional, Instituto Gregoriano de Lisboa, Escola Superior de Música de Lisboa, entre outras. A procura incessante de um resultado de excelência na música coral, que desde sempre pautou o seu trabalho, tem feito com que o Coro Ricercare se tenha vindo a destacar há vários anos como um coro de referência.

Desde a sua fundação, o Coro Ricercare dedica grande parte da sua actividade à interpretação de nova música portuguesa, tendo estreado mais de 50 obras de compositores nacionais desde a primeira edição do ciclo “Jovens Compositores Portugueses”, em 2006, junto com a Orquestra Sinfonietta de Lisboa — o outro agrupamento da Ricercare.

O Coro Ricercare foi fundado pelos maestros Carlos Caires e Paulo Lourenço, e é dirigido desde 2001 por Pedro Teixeira.

## Coro Casa da Música

**Paul Hillier** maestro emérito

**Pedro Teixeira** maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório eclético que se estende desde os primórdios da polifonia medieval à nova música. Ao longo dos anos, apresentou em estreia mundial obras de Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Mais recentemente, dividiu com o Remix Ensemble a primeira audição mundial do *Requiem* de Francesco Filidei. Fez ainda estreias nacionais de obras de compositores fundamentais do nosso tempo como Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos

XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal e Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral e Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi e muitas outras.

A temporada de 2022 confirma a versatilidade do Coro, atravessando praticamente todos os períodos da história da música coral, desde Palestrina e Bach ao experimentalismo de Mauricio Kagel e Cornelius Cardew, incluindo obras-chave como as *Vésperas* de Rachmaninoff e Motetes de Bruckner, além de música contemporânea de compositores portugueses. Em parceria com as orquestras da Casa da Música, interpreta o *Requiem* de Verdi, a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, o *Credo* de Arvo Part e a *Missa Cellensis* de Haydn.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e no Auditório Nacional de Madrid, no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marseilha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas e Solange Azevedo. Nesta temporada, destaca-se ainda

a interpretação das óperas *Senza sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

## Orquestra Sinfónica

### Violino I

Evgeny Makhtin  
Álvaro Pereira  
Radu Ungureanu  
José Despujols  
Maria Kagan  
Tünde Hadadi  
Emília Vanguelova  
Roumiana Badeva  
Andras Burai  
Alan Guimarães  
Vadim Feldblioum  
Diogo Coelho\*  
Pedro Carvalho\*  
Ana Luísa Carvalho\*  
Joana Machado\*  
Margarida Campos\*

### Violino II

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Lilit Davtyan  
Catarina Martins  
José Paulo Jesus  
Pedro Rocha  
Karolina Andrzejczak  
Domingos Lopes  
Paul Almond  
Nikola Vasiljev  
José Pedro Rocha\*  
Catarina Resende\*  
Raquel Santos\*

### Viola

Mateusz Stasto  
Pawel Riess\*  
Rute Azevedo  
Theo Ellegiers  
Hazel Veitch  
Anna Gonera  
Emília Alves  
Biliana Chamlieva  
Francisco Moreira  
Luís Norberto Silva  
Teresa Fleming\*  
Catarina Gonçalves\*

### Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov  
Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Irene Alvar  
Michal Kiska  
Sharon Kinder  
João Cunha  
Bruno Cardoso  
Aaron Choi  
Hrant Yeranosyan

### Contrabaixo

Rui Rodrigues  
Florian Pertzborn  
Jorge Villar Paredes  
Nadia Choi  
Tiago Pinto Ribeiro  
Joel Azevedo  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec

### Flauta

Paulo Barros  
Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer  
Angelina Rodrigues

### Oboé

Aldo Salvetti  
Telma Mota\*  
Roberto Henriques

### Clarinete

Luís Silva  
João Moreira  
Gergely Suto

### Fagote

Gavin Hill  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov

### Trompa

Nuno Vaz  
Hugo Carneiro  
Bruno Rafael\*  
Hugo Sousa\*  
Eddy Tauber  
Carolina Silva\*  
Laura Ferreira\*

### Trompeta

Sérgio Pacheco  
José Pedro Pereira\*  
Luís Granjo  
Rui Brito

### Trombone

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Nuno Martins

### Tuba

Sérgio Carolino

### Tímpanos

Jean-François Lézé

### Percussão

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões

### Harpa

Ilaria Vivan  
Erica Versace\*

## **Banda fora de palco**

(*Das klagende Lied* de Mahler)

### **Flauta**

Angelina Rodrigues  
Inês Pinto\*  
Ana Catarina Costa\*

### **Oboé**

Tamás Bartók  
Sofia Brito\*

### **Clarinete**

Carlos Alves  
Pedro Silva\*  
Ricardo Alves\*  
Filipe Pereira\*

### **Trompa**

Eddy Tauber  
Carolina Silva\*  
Laura Ferreira\*  
Bohdan Sebestik

### **Trompete**

Ivan Crespo  
Telmo Barbosa\*

### **Tímpanos**

José-Afonso Sousa\*

### **Percussão**

Pedro Góis\*  
Sandro Andrade\*

\*instrumentistas convidados

## **Coro Casa da Música**

### **Sopranos**

Alexandra Moura  
Ana Caseiro  
Ângela Alves  
Carla Pais  
Cristina Pamplona  
Eva Braga Simões  
Irene Brigitte  
Joana Pereira  
Rita Venda  
Luísa Barriga  
Teresa Milheiro

### **Contraltos**

Brígida Silva  
Gabriela Braga Simões  
Joana Guimarães  
Maria João Gomes  
Sara Cruz  
Andreia Tiago  
Bernardete Felisberto  
Sofia Pinto  
Susana Milena  
Svitlana Oksyuta  
Patrícia Silveira

### **Tenores**

Bernardo Pinhal  
Gabriel Neves dos Santos  
Gonçalo Limpo Faria  
Gustavo Queirós  
Jorge Barata  
Luís Toscano  
Marcos Rosa  
Mário Santos  
Ricardo Leitão Pedro  
Vítor Sousa

### **Baixos**

Alexandre Soares  
Luís Rendas Pereira  
João Barros Silva  
Nuno Mendes  
Nuno Almeida  
Pedro Guedes Marques  
Pedro Gonçalves Ferreira

Pedro Lopes  
Pedro Silva Marques  
Ricardo Rebelo da Silva  
Ricardo Torres  
Tiago Matos  
Tomé Azevedo

## **Coro Ricercare**

### **Sopranos**

Alexandra Pacheco  
Francisca Ribeiro  
Juliana Branco  
Raquel Pedra  
Sofia Brito  
Sofia Portela

### **Contraltos**

Ana Manta  
Bianca Varela  
Estrela Martinho  
Filipa Augusto  
Lara Rodrigues  
Laura Martins  
Rita Meireles

### **Tenores**

Francisco Pinheiro  
Gustavo Paixão  
Jaime Casal  
João Castelo Branco  
Joel Neves  
Luís Beirão  
Rui Luís

### **Baixos**

Felipe Corrêa  
Henrique Coelho  
Martim Líbano Monteiro  
Miguel La Feria  
Miguel Sousa Batista  
Pedro Costa

### **Maestro co-repetidor**

Pedro Teixeira

### **Pianista co-repetidor**

Cristóvão Luiz

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

